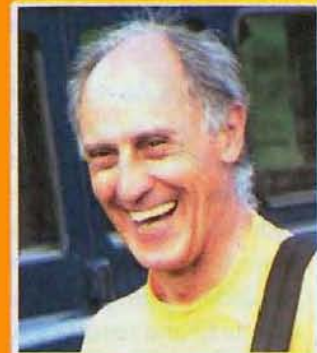


DOMINGO

Correio dos Açores

Frias
Martins
apela à
protecção
dos
ecossistemas



Frias Martins apela à protecção dos ecossistemas

Frias Martins refere que “a plataforma das Lajes do Pico é única e deveria ser cuidada de forma muito especial. Qualquer intervenção numa reserva natural causa problemas e nunca se pode avançar neste sentido sem ter em conta a protecção desta reserva”.

O biólogo da Universidade dos Açores (UA), António Frias Martins, é da opinião de que a plataforma das Lajes do Pico, que é única nos Açores, está a ser adulterada, devido às obras em curso para proteger a orla marítima. Frias Martins participou, na última semana, na XII Expedição Científica do Departamento de Biologia da UA, que decorreu na ilha do Pico e envolveu cerca de 90 elementos. O biólogo esteve junto às obras e, embora não conteste sua importância no sentido de proteger a população, sempre vai dizendo que “o mar tem sempre mais força do que o betão”.

Frias Martins refere que “a plataforma das Lajes do Pico é única e deveria ser cuidada de forma muito especial. Qualquer intervenção numa reserva natural causa problemas e nunca se pode avançar neste sentido sem ter em conta a protecção desta reserva”.

No caso da orla marítima das Lajes do Pico, a principal questão que se coloca, segundo o biólogo, “não é o mar bravo, mas sim o facto de ali terem sido construídas habitações. Fizem-se casas num lugar que pertence ao mar. Claro que a solução não pode ser tão drástica que se chegue ao ponto de retirar as casas da zona. Por isso, há que encontrar uma solução consensual. Ir contra a força bruta do mar com a força bruta do betão não vai resultar, porque o mar é sempre mais forte”.

Segundo adianta ao “Correio dos Açores”, o maior problema da orla marítima das Lajes do Pico, “é o facto de estar a fazer estaleiro da plataforma e destruir o que lá se encontra. Isto não deveria ser permitido de maneira nenhuma”.

Embora sem entrar em questões técnicas (“emito uma opinião fria demais porque não sou técnico”), Frias Martins refere que a obra poderá não proteger a população da forma como se pensa, porque “com o mar nunca se sabe”.

“Estes são assuntos técnicos que aos engenheiros dizem respeito, mas o facto é que é possível intervir na zona costeira das Lajes do Pico com algum prejuízo da beira-mar, não só em terra mas também no espaço subaquático. Naquela zona, existe uma plataforma antiga submersa (a Lajido), que é muito rica, e uma outra, mais jovem (tem 5 a 10 mil anos), que é

também extremamente importante. Em termos de extensão, aquela zona é única nos Açores e há que protegê-la” – adianta.

A “JÓIA” DA ILHA TERCEIRA

Mas não é apenas a obra de protecção da orla marítima das Lajes do Pico que inspira alguns cuidados. Frias Martins cita outros exemplos, como as Fajãs de São Jorge ou uma pedreira (“uma das jóias da ilha Terceira”) que apareceu devido à extracção de material para o porto da Praia da Vitória. Sobre este último caso, o biólogo diz: “nunca vi tanta ave marinha como ali. Estamos perante um lugar que está em formação, a nascer, e a Câmara da Praia da Vitória devia tomar a seu cargo esta zona húmida nascente, que é única nos Açores”.

Frias Martins afirma tratar-se de “uma banheira enorme, que enche e vaza a maré, que não está em contacto com o mar e que tem muitas plantas aquáticas e muitas aves. Esta zona já está circundada por barreiras, mas poderia ser uma reserva linda e com muito valor”.

O biólogo apela ainda a uma maior intervenção por parte das organizações não governamentais, das autarquias e até das próprias populações na de-

fesa do meio ambiente onde se inserem.

RESULTADOS POSITIVOS

Quanto aos resultados da expedição científica ao Pico, Frias Martins referem terem sido muito positivos. Ao longo de cerca de dez dias, as várias equipas do Departamento de Biologia da UA fizeram investigação no terreno e em várias localidades. No caso da equipa de Frias Martins, a satisfação foi total quando se descobriram novos exemplares de uma espécie de caracol que se julga ser endémico do Pico.

Em 1996, Frias Martins tinha recolhido um único exemplar desta espécie, mas na altura estava longe de imaginar que existissem outros. Foi o que acabou por acontecer na última expedição, em que foram recolhidos novos exemplares para estudo. Um estudo que tem como principal objectivo provar que a espécie em questão é endémica do Pico.

“Estou a estudar, desde 1996, um grupo de moluscos (caracóis terrestres) endémico dos Açores. Em 1996, recolhemos um único exemplar desta espécie, com o número de entrada de 1039, que se revelou muito diferente dos res-



tantes que já tínhamos estudado até então. Até agora, não tínhamos encontrado mais exemplares desta espécie. Na expedição ao Pico, fomos aos locais onde julgávamos poder encontrar esta espécie e conseguimos. Foi uma grande satisfação quando encontramos os parentes do 1039” – adianta. Esta descoberta assume alguma importância, porque, segundo Frias Martins, “a ilha do Pico, a mais jovem dos Açores e, aparentemente, não tem endemismos próprios no que respeita aos moluscos terrestres. Os que ali existem, são partilhados pelo Faial, por São Jorge ou pela Terceira. Todavia, o molusco em estudo deverá ser a primeira espécie endémica do Pico. É isto que estamos a estudar. Ainda não desanimei e vou continuar a estudar esta espécie. Este é um dos resultados de uma expedição que se pode fazer a rir e a brincar, mas trabalhando muito a sério, investigando no campo e percorrendo quilómetros”.

“Já temos uma colecção de referência dos moluscos terrestres dos Açores e o 1039 é o número de referência de entrada nesta colecção. Temos ainda muito material por descrever, que está no “museu” da Universidade (colecção de referência). Estes são estudos de uma vida, mas esperamos que esta ida ao Pico seja uma oportunidade de publicar algo de interessante para a história natural daquela ilha” – afirma.

SOCIEDADE AFASTADA

As palestras promovidas no âmbito da expedição científica ao Pico tiveram pouca assistência, mas o facto não é inédito, o que leva Frias Martins a sublinhar que a Universidade dos Açores tem feito várias tentativas no sentido de se aproximar à sociedade, mas, e pelo menos no que concerne às várias iniciativas do Departamento de Biologia, são poucas as pessoas que aderem.

Assiste-se a um certo afastamento por parte da sociedade em relação às coisas do conhecimento, mas o biólogo não encontra explicações plausíveis para esta situação, embora afirme que, hoje, as pessoas têm as mentes ocupadas com outras questões.

“Um aspecto que não resulta (e acho que não é por nossa causa, mas também não sei bem por que razão) é a aproximação da Universidade às populações. Fazemos conferências e não aparece ninguém. Enquanto estivemos no Pico fizemos duas palestras, numa participou apenas uma pessoa e na outra três. As restantes pessoas que se encontravam na assistência eram os elementos da expedição (cerca de 90). As pessoas têm hoje muitas distrações e não estão, ou pelo menos não parecem, muito interessadas no que temos para transmitir” – sustenta.

Como refere, “só espera-

mos que as poucas pessoas que assistem às nossas palestras sejam veículo para uma interpretação mais amigável, partilhada do Homem com a Natureza, o que tem sido sempre o nosso objectivo. Infelizmente, esta é uma das questões que ainda não conseguimos ultrapassar. Não somos cantores de rock, nem actores e, se calhar, é por isso que não conseguimos chegar às populações. Tenho pena de não termos um efeito mais incisivo junto da população, de os nossos trabalhos de investigação, que são muitos e bons, não chegarem ao conhecimento de todos”.

“Em qualquer altura, ligamos a televisão e vemos um qualquer programa de história natural e ficamos a saber muita coisa acerca de várias zonas ou espécies do planeta. Ficamos com a ideia que sabemos muito sobre a Natureza. Porém, pomos o pé fora da porta e nem sequer sabemos em que pisamos. Todavia, apostaria nas escolas para mudar este estado de coisas, embora existam muitos exemplos maus de alunos que pouco ou nada se importam com o ambiente” – adianta.

O biólogo refere, no entanto, que embora já se tenha feito muito trabalho para mudar a mentalidade da população açoriana relativamente às questões ambientais, nomeadamente através da respectiva Direcção Regional e de algumas câmaras municipais, há ainda muito a fazer. Neste sentido, adianta, o trabalho tem que ser contínuo e constante.

